Anno II — Dezembro 1932 - Janeiro 1933 — Numero 5

REVISTA DE EDUCAÇÃO DA Sociedade Amazonense de Professores

DIRECTOR - Felix Valois Coelho

SUMMARIO

1 – 1932 / 1933.
2 – Desconnexas annotações phoneticas – *Placido Serrano.*
3 – Magno Problema – *Leoncio de Salignac e Souza.*
4 – Contos infantis – *Lourdinha.*
5 – Breves palavras sobre alguns pontos da Escola Nova – *Eunice Serrano Telles de Souza.*
6 – Uma grande victoria! – *Julio Uchôa.*
7 – Educar é emancipar – *Mercedes Dantas.*
8 – Esparsas.
9 – A Revista e os Circulos de Paes e Professores.
10 – Perigos do alcoolismo – *Feliciano de Souza Lima.*
11 – Serviço de hospitalização da S. A. P.
12 – Relação dos professores publicos do Estado do Amazonas, em 1932 *(Continuação).*
13 – Matriculas e frequencias, por municipios, em 1931 – Directoria da Instrucção Publica.
14 – Estatutos da Sociedade Amazonense de Professores.

REDACÇÃO
Rua Luiz Antony, 68
MANAUS
AMAZONAS – BRASIL

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

Assignatura annual. 5$000
Porte annual $500
Numero avulso . . . 1$000
Numero atrazado. . 1$500

DESCONNEXAS ANNOTAÇÕES PHONETICAS

PLACIDO SERRANO

Apesar do avanço que o estudo das linguas tem tomado de tempos a esta parte, continuam grammaticos e professores a deixar confuso o ensino de certos factos da linguagem. No ensino, por exemplo, dos sons que constituem a palavra e dos signaes graphicos empregados em sua representação, ainda não assentaram uns e outros a propriedade dos termos que devem ser usados.

Assim, um mesmo grammatico que começa sua lição, chamando *vozes* e *consonancias* aos sons elementares da palavra e *vogaes* e *consoantes* às letras que se empregam na respectiva representação, ao virar da pagina — muita vez — entra a dar a ultima denominação tambem a qualquer daquelles phonemas, lançando destarte fatal confusão no espirito do leitor menos experto.

Fôra bom, parece, que ficasse estabelecido pelos mestres o emprego apropriado de uns e outros daquelles termos e, pois, que os vocabulos *voz* e *consonancia* não se dissessem senão para designar os sons constitutivos da palavra e que os vocabulos *vogal* e *consoante* servissem, a seu turno, para designar sómente as letras.

E' que, cumpre não perder de vista, «as vozes e as consonancias nos impressionam o *ouvido* e se estudam em phonetica; as vogaes e as consoantes nos impressionam os *olhos* e se estudam na phonographia», (graphia dos phonemas que pode ser certa — *orthographia*, ou erronea — *cacographia)*.

Assim fazendo os grammaticos, será facil a quem aprende apprehender bem a differença que ha entre um facto e outro e deixar de confundir uma *voz* com uma *vogal*, uma *consonancia* com uma *consoante*. E' que a lição falada do docente não raro entra por um ouvido e sae pelo outro, esvae-se; a do grammatico, escripta como é, fere os olhos, por elles penetra e vae gravar-se no cerebro, onde permanece. Já diziam os Latinos: *verba volant, scripta manent.*

Segundo a lição dos mestres, soltam-se as vozes livremente pelo canal direito da bocca — *vozes oraes*, ou em parte por esse mesmo canal e pelo canal curvo do nariz — *vozes nasaes.*

Que são cinco estas ultimas, creio concordarem todos os grammaticos e os professores todos — *an, en, in, on, un.* Divergencia, porém, entre elles ha quanto ao numero das vozes oraes em nossa lingua,— 13 para o Dr. E. Carneiro Ribeiro e 9 para o Dr. Aug. Freire da Silva, por exemplo.

Por mais vezes que pronunciasse repetidamente, com toda a attenção, não consegui apprehender differença entre a voz *i* de *animo* (subst.), *seraphico* e *tonico*, representada pela letra *i* e a voz *i* — representada pela letra *e* que se ouve em *medir, pedir, volume*, bem como entre a voz *u* de *calculo* (subst.), *postumo* e *rotulo*, e a voz *u* que se percebe na ultima syllaba desses vocabulos, representada aqui pela letra *o* e ali pela letra *u.*

Defeito de audição minha?

Quer-me parecer que no primeiro caso não ha uma voz *i* breve e um *e* mudo, e no segundo — um *u* breve e um *o* mudo,— quatro vozes, mas apenas duas — um *i* grave ou breve e um *u* breve ou grave, graphado o primeiro com a letra *i* ou com a letra *e*, e o segundo — com a letra *u* ou com a letra *o*. Em que differem a pronuncia de *area* (superficie) e *aria* (canto), a de *tribu* e a de *estribo?*

Entre nós, no Português falado no Brasil, creio não haver *e* mudo; o *e* assim chamado não é mais do que um *i* grave. Em Portugal, sim, no Português dos Lusitanos registam bem os seus grammaticos esse facto que no falar delles se observa: *m'dir, p'dir, p'lutão, p'rú*, emquanto nós — Brasileiros — dizemos *midir, pidir, pelotão, pirú.*

Dahi, ao transmittir a discipulo meu a lição dos mestres,— ousar fazer-lhe a critica e, ainda mais, apresentar em seguida o meu modo de entender o caso, justificando-o, o que — aliás — pratico em tratando de outro qualquer assumpto.

Reina igual confusão quanto a dithongos, originada da mesma forma de attender-se antes ao numero de letras empregadas em sua representação, que ao numero de vozes emittidas. Assim, ao passo que continuam muitos a ouvir dithongo no *ou* de *thesouro*, não o percebem no segundo *é* de *tétéa* e menos no *em* final dos vocabulos oxytonos — *ninguem.*

Não é este mal tão sómente brasileiro os grammaticos de lingua latina, francesa o

inglesa, incidem tambem na mesma incuria de ensino e dizem que, por ex., *ae* em Latim, *au* em Francês e *ea* em Inglês são dithongos, e entretanto mandam que *Caesar*, *cause* e *read* sejam pronunciados — *cézar*, *côze*, *rid*.

Dessa confusão resulta, talvez, a divisão que alguns grammaticos adoptam de dithongos *proprios* e dithongos *improprios* (outros dizem — *perfeitos* ou *imperfeitos*.

Afigura-se-me pouco acceitavel esta classificação porquanto se *annuncio* tem quatro syllabas — *an-nun-ci-o*, seja substantivo seja verbo; se em *seria*, adjectivo, ha o mesmo numero de syllabas que em *seria*, forma verbal,— *se-rì-a*; se depois de proferir a voz *ì* em qualquer destes vocabulos e semelhantes, a bocca permanece aberta até proferir a voz *u* ou *a*, tem-se num caso e noutro um *hiato*, e não um dithongo.

Que é, em verdade, dithongo na lição dos mesmos mestres? A pronuncia de duas vozes num só impulso: *ai*, mais, *êi*,—*eis*, *eu* — Deus,— *ôi* — pois etc.

Tal não se dá, não se proferem num só impulso as vozes, cujas letras representativas — em italico — se encontram separadas por hyphens em aca*ci-a*, adverb*i-o*, auda-c*i-a*; essenc*i-a*, fictic*i-o*, nac*i-o*-nal, pass*e-a-ta*, pe-r*i-o*-do, prudenc*i-a*, topaz*i-o* — tetrasyllabos; ar*e-a*, fer*i-a* (subst.), geme-*o*, lir*i-o*, ol*e-o*, oss*e-o*, mum*i-a*, roc*i-o*, til*i-a*, var*i-o* (adj.) — trisyllabos.

Essas vozes não constituem dithongo; formam, sim, hiato tal qual se dá nos disyllabos — bô-a, cô-a, di-a, fri-o, lô-a, nu-a, ri-o, su-a, ti-a, vô-o.

O que se observa é que nos primeiros vocabulos as duas vozes em hiato são graves, sendo menos duradoura a abertura da bocca, ao passo que essa abertura como que é mais prolongada na prolação das vozes em hiato nos vocabulos ultimos, por ser accentuada a primeira.

Por essa confusão, que os mestres não têm curado de corrigir, um pobre docente passa todo o anno lectivo, todos os annos mesmo do curso de um estabelecimento, a chamar a attenção dos discipulos para a differença que ha entre phonemas e letras, e chega ao termo da jornada, como se houvera pregado no deserto.

E' obvio que a lição falada do docente não prevaleceu á doutrina escripta do grammatico.

Por essa mistura de phonemas e letras, classificando o discipulo a primeira syllaba de *tempo*, diz ser ella «complexa» porque, accrescenta, encerra duas «consoantes». E' manifesto o engano: confundiu phonemas com letras. A consoante *m* nessa syllaba perdeu o seu papel de letra, isto é, deixou de ser um signal representativo de phonema e como que desceu à categoria de simples notação, isto é, de um signal auxiliar da letra a que se pospôs, a saber, de um til empregado para indicar a nasalação da voz existente na syllaba. Esta é, pois, incomplexa: contém uma só consonancia — a dental forte *t* (esse *t* que se percebe, por ex., em *atmosphera*).

Para comprovar quanto a invasão dos *olhos* se tem feito sentir no dominio exclusivo dos *ouvidos*, o discipulo — que reza pela cartilha escripta do grammatico — encontra a mesma syllaba *tem* daquelle substantivo no verbo *tem*; e, porque classifica de «simples» aquella, affirma a mesma cousa em relação à forma verbal.

Ora, pronuncie-se a primeira syllaba de *tempo*; pronuncie-se o verbo, e perceber-se-á a differença: no substantivo — uma *voz*, no verbo — um *dithongo*.

O discipulo, porem, regulou-se pelos olhos: viu duas *letras*, sem ter querido lembrar-se, aliás, de que esse *m* equivale a *til* e declarou que uma e outra são syllabas simples. Teria acertado, se houvesse appellado para os ouvidos: estes teriam percebido, num caso — *en*, noutro — *ein*, e então reconheceria o discipulo que qualquer das syllabas é «incomplexa», pois possue apenas uma consonancia, e accrescentaria que a syllaba do substantivo é *simples* e a do verbo — *composta*.

Essa mistura acabei de verificar mais uma vez por occasião dos exames de estagio, ultimamente realizados. Devendo occupar-se de *vozes* e *consonancias*, com a observação «em phonetica» que se lhes fez por escripto, principiaram candidatas a tratar destas ou daquellas, empregando os termos proprios, mas logo passaram a ser estes empregados de mistura com *vogaes* e *consoantes*, como se fossem letras e phonemas de todo equivalentes.

A lição escripta do grammatico ficara-lhes mais do que a lição falada do pobre docente.

MAGNO PROBLEMA

Leoncio de Salignac e Sousa

(Especial para a REVISTA DE EDUCAÇÃO)

O movimento revolucionario, trazendo-nos o regimen dictatorial, criou, nesta excepcionalidade de nossa vida politica, uma phase verdadeiramente opportuna para solucionar os nossos mais complexos problemas: instrucção, saneamento, fronteiras inter-estadoaes e igual representação politica dos Estados.

Da solução de uns depende o progresso moral e material do povo, e na resolução de outros repousa a propria Unidade da Patria, a continuidade de um Brasil unido e forte. União tão intima, firme e indissoluvel, a desejamos nós, que dum extremo a outro do territorio nacional, differente d'agora, todos vibrassemos ao calor das mesmas aspirações, ao impulso dos mesmos sentimentos civicos.

De todos os problemas ora enumerados, á excepção do primeiro, já estamos, pela propria palavra official e pela observação sensata dos factos, quasi convictos do grande e doloroso fracasso.

Os choques e entre-choques politicos, o jogo das competições partidarias e a falta de unidade de vistas contribuiram para tornar irremediavelmente insoluvel a igualdade da representação politica e a questão das fronteiras dos Estados, problemas que, resolvidos, viriam, pela sua magnitude, resarcir os damnos de toda especie que sua insolução nos tem trazido.

Resta-nos, todavia, como opportuno consolo, o problema da instrucção que, não obstante as reformas e contra-reformas com uma caudal de emendas e avisos, continúa sem solução, mas, ainda objecto de largos cuidados e justos carinhos.

Este problema, pela sua relevancia, se me afigura o mais bello, o mais nobre e o mais proveitoso de quantos merecem, no momento, o acurado estudo do governo.

Disseminar a instrucção, levar aos recantos mais longinquos dos sertões o pão de luz aos nossos pequeninos patricios, tristemente abandonados á miseranda sorte de eternos cégos na perigrinação pela existencia, é, na verdade, fazer do Brasil uma Patria perfeitamente integrada em si propria.

Precisamos, antes de tudo, de instruir o povo, para que este não tenha sua vida como um pendulo oscillando da penuria para a inconsciencia.

Precisamos educa-lo convenientemente para que, ao envês de um agrupamento sem expressão, possa elle associar-se ás evoluções politicas, dando a sua cooperação necessaria e contribuindo, desse modo, para um equilibrio indispensavel á vida collectiva.

E é tanto preciso preparar o povo, instruindo-o, quanto é certo que, sem isso, só muito distante, muito tarde ainda, poderemos alcançar a aurora illuminada de progressos que ao Brasil está reservada pelas suas incomparaveis maravilhas naturaes e amplos recursos, thezouros inexgotaveis guardados em seu sólo.

Nada se pode esperar de um povo que vive na mais completa apathia, no mais criminoso descaso pelos seus proprios destinos. E um povo inculto não poderá nunca tomar parte, com efficiencia, na solução dos grandes problemas de sua nacionalidade.

Temos, desse peccado, os mais tristes effeitos.

As mutações politicas por que passámos e vimos passando têm-se verificado e se vêm processando, dolorosa verdade, sem a solidariedade consciente das massas populares.

Ruia o throno para de seus escombros exsurgir uma Republica que se dizia, numa explosão de ideologia civica, o sonho maior, a mais fórte aspiração da nacionalidade, no emtanto, cêdo, muito cêdo nos convencemos de que para o povo tanto lhe importava o regimen monarchico quanto o republicano.

E a Republica ficou até hontem, talvez mesmo até amanhã, como «uma mumia estratificada nos escombros do Imperio».

A propria ignorancia do povo contribuiu para que se polluisse o regimen e, quasi ao nascer, fôsse a Republica deshonestada.

Estivesse o povo, pelo seu gráo de cultura, devidamente preparado para alcançar a grandesa do novo regimen, e, de certo, dar-se-ia o rapido evolver de uma nacionalidade perfeitamente consciente de seus destinos, sinceramente amparada pelo trabalho de seus filhos.

Eis as razões que me conduzem a considerar a instrucção nosso Magno Problema sem o qual difficilmente poderemos transpor, com felicidade, esta hora de agonias que nos faz vêr penumbrosos os dias do futuro.

E o problema depende exclusivamente da bôa vontade do governo.

Tornar o ensino obrigatorio, dar ao encargo exclusivo da União a instrucção primaria, remunerando devidamente o professorado e fazendo elaborar programmas que possam, na realidade, ser levados a effeito. E, feito isso, semear escolas por toda parte, fiscalizando-as rigorosamente e, dentro em pouco, o muito que se tenha gasto para solucionar o Magno Problema nada representará diante de seus magnificos e permanentes effeitos.

CONTOS INFANTIS

Carlos e Paulina

Carlos e Paulina eram dois meninos muito bons. Êle tinha 7 anos de idade e ela 5; gostavam-se muito e Carlos chamava Paulina de minha noiva.

Todas as tardes Carlos fugia de casa para brincar com Paulina.

Eram muito amigos e nunca brigavam. Cresceram, ficaram moços e sempre amigos.

Quando Paulina completou 15 anos, Carlos que era aluno, da escola militar, saiu aspirante e neste dia pediu-a em casamento. Os pais de Paulina ficaram muito satisfeitos e ela aceitou. Carlos radiante, foi chamar seus pais que ficaram contentes por ver o filho arranjar tão bôa noiva.

Os pais combinaram que no dia do casamento fariam uma grande festa. Casaram-se; tiveram um filho e viveram muito felizes.

Lourdinha.
(6 anos).

Manaus, 22-4-1931.

O castigo da orgulhosa

Mariazinha e Marina eram duas irmãs muito diferentes. Mariazinha muito orgulhosa e portanto má; Marina, bondosa.

O pai era um rei avarento que não se importava com os pobres, tratando todos muito mal. Mariazinha era parecidissima com o seu pai, em todos os átos.

Certo dia passando pelo palacio, um principe de outro reino, que tinha vindo em busca de uma noiva, e, vendo Mariazinha no jardim, e, ignorando que era má, ficou encantado com sua beleza e resolveu visitar o rei, afim de poder realizar o seu desejo. Chegando ao palacio foi mal recebido pelo rei, que não o conhecendo julgou que iria procura-lo para pedir alguma cousa. Disse o principe quem era e o fim de sua visita; isto fez o rei mudar o modo de tratá-lo, mandando chamar as duas filhas. Logo que elas chegaram o principe viu que Mariazinha era mais altiva que Marina; mas era tão bonita que êle não se importou e fez tudo para agradá-la. Ela porem era má e tratou com grosseria ao pobre principe. Quando o rei lhe disse que ela devia casar-se com o principe que era de um reino muito poderoso e tinha bom coração, ela não encontrando defeito para recusar, disse que não se casaria porque o achava muito feio. O principe, a principio ficou triste; depois foi melhorando e vendo as boas qualidades de Marina, começou a gostar dela, pedindo-a em casamento; ela aceitou com satisfação.

Tempos depois o principe e Marina casaram-se e foram muito felizes. Mariazinha não casou porque era muito tola e má; não achou quem a quizesse. E cheia de inveja pela felicidade da irmã, tudo fazia para torná-la infeliz. Uma fada, porem, conhecendo a maldade de Mariazinha, fez com que ela se transformasse num morcego.

Marina e seu marido viveram com muita felicidade e sempre bons para quem os procurava.

Lourdinha.
(6 anos).

Manaus, 15-5-1931.

Um programma nada vale sem um espirito que o anime, o fecunde e o faça fortificar.

Claparède.

BREVES PALAVRAS SOBRE ALGUNS PONTOS DA ESCOLA NOVA

Por occasião da apposição do retrato de Mercedes Dantas na séde social, a professora Eunice Serrano Telles de Souza, Vice-Presidente da Sociedade Amazonense de Professores, *produziu a magnifica conferencia abaixo:*

Meus senhores, minhas senhoras:

A SOCIEDADE AMAZONENSE DE PROFESSORES engalana-se hoje inaugurando em sua séde o retrato de sua Vice-Presidente de Honra e amiga benemerita — Mercedes Dantas.

A bondade de nosso illustre Presidente quis que, tomando parte neste festival de arte e de espirito, um dos membros da Directoria dissertasse sobre um thema pedagogico.

A escolha, porem, foi desastrosa, escolhendo o mais obscuro de todos, aquelle que não dispondo de recursos intellectuaes, não poderá de forma alguma satisfazer a um auditorio tão selecto quão talentoso.

O saráo espiritual de Mercedes Dantas perde assim a intensidade de seu fulgor.

Cumprindo, entretanto, ordens superiores, dirigirei minhas descoloridas palavras especialmente ás collegas do magisterio primario, referindo-me succintamente a assumpto importantissimo para a remodelação que se opera na moderna pedagogia — A Escola Nova.

Thema vasto e palpitante de interesse, tem dado ensejo a ensaios, obras didacticas, polemicas calorosas de pedagogistas de renome.

Estudada e discutida na velha Europa pelos grandes mestres da Pedagogia, veio surgir florescente no Brasil depois da estupenda reforma que se levou a effeito no Districto Federal sob a direcção do erudito Dr. Fernando de Azevedo; e, irradiando pelo Paiz a fóra, chegou até nós através da propaganda feita pela palavra fluente e convincente de Mercedes Dantas.

Em Recife e em Victoria principalmente, ella floriu e frutificou.

Apreciando diversos aspectos da nova escola como — os programmas e horarios escolares, a autonomia do estudante, as excursões escolares, os circulos de paes e professores, veremos as grandes vantagens que ao ensino advem da reorganisação dos novos processos.

Não me deterei a dizer-vos algo sobre o historico da chamada escola nova, sobre os seus fervorosos adeptos como Decroly, Dewey e tantos outros luminares da Pedagogia, cada qual adoptando o seu systema, mas todos convergindo para o mesmo fim.

Todos vós conheis as principaes obras de cada um desses grandes mestres.

Entretanto, o professor habituado aos antigos processos não encontra uma unica face dos novos methodos por onde possa introduzir qualquer innovação em sua escola.

Apegado á rotina, enfrentará difficuldade na remodelação que terá de fazer na sua classe, para accommodá-la aos novos meios.

Assim, recebendo da Instrucção Publica os programmas de ensino julga-se obrigado a segui-los á risca, sem sequer modificar a ordem em que a materia vem distribuida.

Desses programmas não poderia, comtudo, ir tornando as lições mais attraentes ao espirito infantil, organizando os chamados centros de interesse tão preconizados por Ovidio Decroly?

Quando o programma tratar, digamos, do estudo sobre o algodão, o professor associando idéas, ensinará Sciencias Naturaes com as minucias que quiser e conforme o gráo de progresso dos estudantes; dará noções geraes de Agricultura, ensinará Geographia, explicando as zonas onde elle mais prospera; na Historia dirá sobre a cultura e o desenvolvimento dessa malvacea; desenhará motivos sobre o algodão; passará exercicios de Arithmetica nos quaes a creança conheça o preço do metro do panno de algodão ou faça a avaliação de um terreno plantado de algodoeiros, etc.; nos exercicios de Português escreverá uma composição sobre o mesmo texto.

Dessa forma teremos as tres phases principaes dos centros de interesse: observação, associação e expressão.

Acontece muitas vezes surgir um assumpto occasional.

O professor não deixará passar a opportunidade e desdobrará o argumento apresentado. São esses centros occasionaes os mais proveitosos para despertar o interesse da creança.

A permanencia aqui do couraçado «Floriano», a propria revolução paulista, a feira do abacaxi não são optimos centros de interesse? As lições desenvolvidas com esses centros poderão durar semanas e até meses.

Dirão as collegas: sujeito o professor a um programma, que deve ser esgotado até o fim do anno lectivo para o preparo dos alumnos a um exame (quasi sempre feito sem resultado), como poderá seguir tal regimen?

Com superiores conscienciosos, impossivel será que seja tolhida a autonomia do mestre. Dada a liberdade ao professor, *ipso facto*, tem de ser abolida a praxe do horario *mosaico*, isto é, do horario em doses regulares e systematicas.

Deve haver perfeita flexibilidade de acção estendendo-se o assumpto desde que prenda a attenção do alumno, diminuindo-se, quando se perceber enfado dos ouvintes.

Isso é base primordial para o bom exito do que se ensina.

Como se poderá colher resultado proveitoso quando, historiando-se passagem interessante de um acontecimento qualquer, tem-se de suspender o que muitas vezes está enthusiasmando a creançada porque o tempo estipulado pelo horario approvado está esgotado?

De mim, confesso e penitencio-me da desobediencia commettida, de nunca ter seguido o horario que se me apresentava no inicio do anno.

Sempre fui de opinião que o professor deve agir como lhe parecer melhor para a marcha do ensino.

Naturalmente, para haver ordem, deve ser traçado um plano de ensino, porem este soffrerá alterações quando necessarias.

Sem ser um despota, o professor não pode, nem deve ficar adstricto somente ás ordens emanadas dos seus superiores hierarchicos.

Elle precisa tratar de banir, no que lhe fôr possivel, o espirito rotineiro que procura impedir o avanço de suas idéas illustradas através da leitura das modernas obras scientificas e pedagogicas.

Outro ponto muito discutido da escola nova é a autonomia do escolar.

Ha quem absolutamente não admitta essa liberdade, sob o pretexto da anarchia que reinará na classe.

Não quer isso dizer que a creança só fará o que quiser, sem a menor deferencia para com o mestre.

A autonomia não é sob o ponto de vista de recreação completa.

E' autonomia no estudo, sem que o mestre lhe perturbe o cerebro com o condemnavel e tradicional *caderno de pontos*, sem a decoração absurda de regras grammaticaes e outras quejandas...

E' a autonomia no seu desenvolvimento physico e intellectual, encontrando no mestre apenas um guia e um conselheiro. Assim se expressa o professor José Escobar: «Fazer para aprender, mas fazer só, assistido, acompanhado do professor é o processo da escola nova; fazer tudo, todas as lições, todas as experiencias, de maneira que os conhecimentos adquiridos pelo alumno não sejam mais do que resultados de sua propria actividade mental e physica.»

Essa é que é a verdadeira autonomia do estudante.

As excursões escolares, tambem censuradas pelos professores formalistas, são entretanto de grande utilidade pratica.

Não se pense que importam um passeio. São aulas como outras quaesquer, apenas com a alegria do ar livre, com a novidade de outro ambiente mais agradavel.

Para se fazer uma excursão tudo deve ser previamente combinado.

Os alumnos divididos em grupos. Cada grupo se encarregará de determinadas particularidades que lhe cumpra observar.

Um passeio a uma fabrica, a um parque, a um museu, a um monumento historico, á estatua de um vulto importante do Paiz, são excellentes opportunidades para uma excursão. E nessa aula quasi todas as disciplinas podem ser dadas com vantagem.

No regresso será apresentado um relatorio pelos alumnos. Desdobrando-se os assumptos, apreciará o professor a exactidão com que a creança descreve o que viu. Li (não me recordo em que revista de ensino, mas copiei-lhe o trecho) um bem elaborado trabalho sobre as excursões escolares e não perco a occasião para transcrever o seu termo. Diz o escriptor: «Não encaremos a excursão como um passeio, mas uma aula, a melhor das aulas. Só assim tiraremos da escola o formalismo, a decoração pavorosa, a disciplina feroz que só serve para criar hypocritas e covardes. Se as creanças perde-

rem tempo no passeio, em nada se prejudicam: maior prejuizo teriam, se ficassem na escola recebendo á força noções que esquecerão depois d'amanhã.»

Dos circulos de paes e professores pouquissimo vos direi porque estão se diffundindo entre nós, procurando estabelecer o traço de união entre o lar e a escola. Apenas lembrarei que as palestras feitas nas reuniões mensaes deverão ser leves, sem demonstração de grandes conhecimentos scientificos, sem phrases massudas e excessivamente pomposas.

Tratando-se de um meio heterogeneo, torna-se preciso não afugentar os paes que não tenham grande cultura.

Eis em rapidos traços o que vos queria dizer. Verdade é que com o nosso systema de exames, com as classes numerosas que nos são entregues, com o apparelhamento technico aqui praticado, tudo se torna mais difficil para adaptar a escola nova entre nós.

Todavia, com um pouco de bôa vontade, sem esse pessimismo que aniquila todas as idéas elevadas, pode-se ir fazendo uma transformação lenta dos antigos methodos de ensino. Sobretudo o que se faz necessario, é a leitura cuidadosa por parte dos mestres de obras didacticas de valor.

O professor Lourenço Filho, nome reputadissimo de pedagogo patricio diz: «Será ridiculo suppôr-se que a transformação dos velhos moldes se possa fazer, de vez, como num passe de magica... Será trabalho para annos, mas que podemos começar já. Se é difficil fazer, mais uma razão para não perdermos tempo. Mas, de vagar. De vagar porque queremos andar depressa... Queremos a renovação, jamais a confusão. O que desde já se pede é que os mestres que haviam abandonado os livros, recomecem a estudar, recomecem a pensar, volvam o pensamento para a experiencia adquirida, retornem á consciencia do bem que *devem fazer* pelo bem que se *pode fazer*.»

Tornando minhas as palavras do mestre insigne, concito todas as collegas a não esmorecerem afim de que o nosso ensino se colloque na vanguarda do dos demais Estados da Federação para o engrandecimento de nosso grandioso Amazonas.

Manáos, 19/11/932.

Uma grande victoria!

Julio Uchôa.

Quando iniciei o serviço de propaganda em prol do soerguimento da Sociedade Amazonense de Professores, encontrei uma legião de descrentes. Mas, a minha pertinacia, sacrificando muitas vezes meus proprios interesses, conseguiu vencer essa descrença terrivel, e eis forte e cohesa a S. A. P. passando em seis mezes de 40 socios a 250!

Essa victoria conquistada com ingente esforço, compensa cabalmente os pezares e dissabores que tenho experimentado no desempenho do cargo em que me encontro, por bondade de alguns amigos, desde 4 de Julho do anno findo.

E, como complemento dessa victoria, devo deixar aqui registrado que a situação desta revista, após a sua remodelação é a mais lisongeira possivel.

Assim, emquanto que os numeros 1 e 2, antes da remodelação, deram á Sociedade sensivel prejuizo, sobretudo o primeiro, o numero 3, cujo balancete foi apresentado em sessão extraordinaria de Directoria de 5 de Dezembro transacto, accusa um saldo de 25$200,— saldo esse — já levado ao fundo de reserva, de accôrdo com o art. 66.º, paragrapho 1.º, letra *b* dos Estatutos.

Quanto ao numero 4 sahido a 19 de Novembro está quasi coberta a despeza de impressão, faltando ainda parte da arrecadação do interior, notando-se que esse numero teve maior acceitação que o anterior.

Deste modo, teremos, dentro de pouco tempo, a "Revista de Educação", não digo, transformada em fonte de renda, mas, ao menos vivendo com perfeita autonomia financeira. Entretanto, para que haja esse equilibrio é necessario que o papel de impressão seja o mais barato possivel, visto o elevado custo do papel de melhor qualidade.

Resta-me, pois, diante do que expuz ligeiramente, cumprimentar o archivista da S. A. P., meu grande amigo Felix Valois Coelho, a quem compete de accôrdo com as disposições estatutaes dirigir a revista. Sim, porque á cultura e intelligencia de Valois Coelho se devem os louros ora colhidos e que de futuro, estou certo, serão muito mais abundantes.

Janeiro de 1933.

EDUCAR É EMANCIPAR

Mercedes Dantas

Professor Julio Uchôa, Presidente da Sociedade Amazonense de Professores. Em Manáos.

Afranio Peixoto, das maiores cerabrações que possuimos, nas paginas flagellantes do seu «Martha e Maria», nos revela, não sem certa amargura, como nos foi possivel, durante mais de um século, encher a vida publica do paiz de palavras, apenas, em materia de instrucção: «Palavra facil, diz elle, abundante, incontinente». E eu acredito que pouco mudamos até agora.

No emtanto, quando ahi cheguei, em 1930, commigo levava a doce esperança de que o Brasil despertava emfim para um grande movimento de renovação educacional.

Observei, em varios Estados, indicios, vagos uns, mais seguros outros, desse movimento.

Em sua bella terra, ao sahir, deixei um enthusiasmo contagiante, constructor, em volta da Sociedade Amazonense de Professores.

Infelizmente, porém, por ahi fóra, muita palavra, muita politica. Depois, regularmente, durante dois annos, fui recebendo de amigos, como o Sr., noticias sobre a obra da educação popular, em cada Estado que eu visitei.

As vicissitudes por que tem passado o professorado amazonense reflectindo-se na S. A. P., levaram-me a evocar, muitas vezes, a phrase sceptica do Patriarcha: «emprehendem muito, nada acabam...»

Imagine, meu distincto collega, a alegria que me empolgou ao receber, hontem, o n.º 3 da REVISTA DE EDUCAÇÃO, orgão official da S. A. P.

Li-o e reli-o, lenta, commovidamente.

Revi o labor enorme dos professores publicos do Amazonas, annotei as suas iniciativas, os seus esforços e detive-me em sua pagina: «Em plena acção».

Ella é um clamor de força de vontade, suas primeiras palavras fizeram-me comprehender melhor a via dolorosa de todas as instituições particulares que se adeantam aos governos:

«Assumi a presidencia da Sociedade Amazonense de Professores, na hora mais tragica de sua existencia».

E pelo que li, foi uma felicidade. A S. A. P. reclamava um homem como o Sr. E talvez sómente o Sr. fosse capaz de confessar: «Mas logo reflecti; seria um crime deixar morrer de inanição a Sociedade Amazonense de Professores, filha dilecta do cerebro realizador da arrojada defensora dos novos ideaes educativos, a professora e escriptora Mercedes Dantas».

Avalio nos seus devidos termos, o serviço que lhe devo, pessoalmente. E agradeço-lhe com aquellas palavras de effusão e contentamento que transbordam na alma e que se não sabe exprimir muito bem.

E' que, revigorando a S. A. P., reformando-a, dando-lhe, nos dias novos de agora, os meios adequados de viver e servir, restituiu-me o Sr., sem o saber certamente, um pouco de fé em mim mesma.

Seria longo contar-lhe como em mim se foi destruindo, pouco a pouco, aquella confiança nos destinos supremos da Educação, no paiz. Com que sorriso fui assistindo á negação, ao esquecimento, á usurpação até do que me foi possivel realizar durante a minha longa excursão pelo Norte. Talvez, me reste apenas o direito de sorrir, o que, actualmente, consola e revida...

Quantas reformas, em dois annos! Quanta palavra, quanto programma!

O politico-pedagogo que reclamamos para a Educação nacional, ainda não surgiu. E os pedagogos que nos dictam a sua sabedoria não conhecem o Brasil a não ser atravez de publicações e de «Kodak».

Nenhum se abalou, sem pressa, em visita pelo territorio patrio, para entender e exigir depois o plano educacional, que nos convem, o nosso, bem brasileiro, unindo o Brasil todo, «que estala sem a mentalidade funesta do «micro-geographico».

Preferem a America. E quanto ao conhecimento exacto e directo de seu paiz, contentam-se em conhecer o seu torrão natal e generalizar... Resultado... Mas, o Sr. já os conhece. Seus artigos, na imprensa amazonense, têm apontado a longa série. E emquanto estamos a discutir a pedagogia americana, o direito da União fundar escolas primarias, a reforma do pedagogo Dr. Fulano, podemos interrogar:

—E verbos? E escolas? E professores? E a nacionalidade?

Palavras, palavras.

Pois, Sr. Julio Uchôa, daqui, entre duas palestras sobre as novas directrizes educacionaes, envio-lhe a expressão muito leal e commovida de minha gratidão pelo seu trabalho maravilhoso, na presidencia da S. A. P.

Eu mesma estou de parabens. Mais talvez, do que qualquer de minhas collegas do Amazonas, orgulho-me da S. A. P. e de sua actual Directoria.

Acredito em seu porvir: a S. A. P. em seu papel de orientadora e animadora do magisterio amazonense, de defensora de seus direitos, dignificadora de sua missão social.

Tudo isso, não se esqueça, depende de uma coisa muito simples: acção. E nada de politica.

(Do *Brasil Feminino*, Novembro 1932).

ESPARSAS

Temos sobre a banca o n.º 1 (Outubro de 1932) da *Revista Nacional de Educação*, orgam official do Ministerio de Educação e Saude Publica, editado sob a direcção de Roquette Pinto.

A' guisa de apresentação, traz ella o *fac simile* duma carta do ex-ministro Francisco Campos e um artigo, intitulado *Reafirmando*, da lavra do director. Na primeira dessas peças se lê: «Esta revista representa a primeira contribuição federal á obra de educação do povo brasileiro». Na outra se encontram estes periodos significativos: «Que todos os lares espalhados pelo imenso territorio do Brasil recebam, livremente, o conforto moral da ciencia e da arte. Para servir a este ideal manda publicar o Governo da Republica a *Revista Nacional de Educação*."

Animada de tão subidos intuitos e collocada sob tão alto patrocinio, a nova publicação constitue, como diz o autor da referida carta «um notavel emprehendimento destinado a ter uma larga e proveitosa repercussão no paiz».

Effectivamente, nada lhe falta para isso. Impressiona bem pela feição material; agrada pelo conteúdo.

Está de parabens o mundo pedagogico brasileiro, que, ha muito, desejava uma publicação official deste genero.

*

Tambem recebemos o n.º 1 (Julho-Agosto de 1932) da *Enciclopedia Brasileira de Educação*, revista editada em Porto Alegre, pela livraria Globo, sob a direcção do prof. Emilio Kemp.

Pela sua feição absolutamente moderna, pelo seu nobre «intuito de reunir numa obra todos esses anceios que se fazem sentir no paiz pelo grande problema nacional», a *Enciclopedia* está fadada a prestar inestimavel serviço, entre nós, para formação e consolidação d'*a base das verdadeiras democracias: — a instrução popular.*

Isto basta a garantir-lhe vida larga e prospera.

A par de optima collaboração e copioso noticiario, apresenta esplendido serviço de *clichés*. Emfim, agrada pelo fundo e pela forma. Seja bemviddo o novo operario da seara do bem.

*

Com uma gentil dedicatoria do autor, Sr. Edezio Freitas, recebeu a directoria da S. A. P. um exemplar do *Guia Turistico e Comercial da Cidade de Manaus.*

Sensivel lacuna vem preencher essa publicação, pois a nossa *urbs* attrahindo cada vez mais pronunciadamente as vistas estranhas, de ha muito reclamava um *Guia*, que tornasse mais facil o relacionamento dos forasteiros comnosco e com as nossas cousas.

A S. A. P., agradecendo, pois, ao Sr. Edezio a gentileza de sua offerta, parabeniza-o, concitando-o a continuar no alto empenho de bem servir á terra em que vive.

*

O ensino da historia só agora começa a soffrer as modificações necessarias. Já não ha mais a exigência cruenta de nomes e datas em demasia, creadores de uma profunda separação entre a materia e o estudante. Já se comprehendeu, com a Escola Nova, o que deve ser realmente, a distribuição de conhecimentos do que occorreu hontem aqui, alli, acolá.

O professor A. G. Lima, de Porto Alegre, está entre esses com a noção exacta dessa

reforma pedagogica. *As Noções de Historia do Brasil*, em 5.ª edição, da *Livraria do Globo*, daquella capital, foram escriptas dentro dos principios renovadores. Differe fundamente de quantos ha, que empanturram, desservindo as suas finalidades.

A linguagem é clara. Os episodios, illustrados fartamente expostos sem pedantismo e bem com a verdade apurada. Não ha excesso de pormenores. Para augmento das facilidades, traz trechos selectos de grandes historiadores e bem feito resumo chronologico de cada licção.

Enfim, um livro que mostra o senso do autor, revelando-o pedagogo perfeitamente aopar dos processos modernos de educação.

A REVISTA DE EDUCAÇÃO, sem receio, aponta as *Noções* ao professorado de Manáos e interior, como um optimo compendio.

✲

A escola de pintura "Pedro Americo" sob a direcção das professoras Evangelina F. Sá Antunes e Crispiana Ribeiro, realizou, em Dezembro, no grupo escolar "Marechal Hermes", a abertura do salão e arte applicada de 1932. Foi mais um successo magnifico que alcançou a tradicional escola dirigida pelas duas provectas educadoras. Por essa occasião receberam diploma as alumnas laureadas no anno findo que são as seguintes: Maria Dagmar Ribeiro Corrêa, Dorinda Fiuza, Maria Igrejas Lopes de Andrade, Odette Bandeira de Araujo, Maria de Lourdes de Albuquerque, Oscarina Loureiro Lopes, Walkyria Vieiralves, Nayde Sá Antunes.

✲

A Escola de Aprendizes Artifices inaugurou com excepcional brilhantismo a exposição de trabalhos escolares de 1932. Nas duas salas em que foi localizada a exposição viam-se trabalhos executados nas officinas da Escola, resaltando na sua confecção apurado bom gosto e perfeito acabamento. A "Revista" alli compareceu, recebendo do illustre Director, doutor Antonio Carlos de Mello Barreto, cavalheiro de fino trato social, as mais vivas provas de sympathia e apreço.

✲

Realizaram ainda exposições de trabalhos e prendas, o Collegio Maria Auxiliadora e varios grupos escolares desta cidade.

✲

Recebemos e agradecemos as linhas abaixo, que estanpamos com prazer, porque vêm tornar patente que a REVISTA vae alargando, o seu raio de acção e, consequentemente, robustecendo-se mais:

CONGRATULAÇÃO

Agradavelmente surpreendida e premiada com o n.º 3 da proficua REVISTA DE EDUCAÇÃO, profícua produção da ilustrada Sociedade Amazonense de Professores, cumpre-me trazer ás bem elaboradas colunas da mesma os meus efuzivos emboras, com o augurio de uma imensa longevidade aureolada dos mais felizes exitos que a tornem apta para intrepida atravessar os alterozos comoros da crise atual.

E' extremamente deficiente a minha pena para descrever a alta sublimidade da instrução e mais ainda a importante tarefa dos distintos instrutores não obstante, tenho o arrojo de me constituir uma fervoroza e devotada apreciadora de tão excelente missão que tende abater o analfabetismo — atroz calamidade que assola a humanidade.

Aproveito o ensejo para pedir uma assignatura da REVISTA DE EDUCAÇÃO.

— Avante, paladino de incentivo da infancia e juventude!

Caxoeira, (Maranhão), 1 de Dezembro de 1932.

Maria Justa de Souza.

✲

O CORONEL Francisco Castello Branco, exemplar funccionario da Delegacia Fiscal do Norte de Matto Grosso, num gesto de rara fidalguia, dirigiu á 1.ª Secretaria da *S. A. P.* senhorinha Clotilde de Araujo Pinheiro, a seguinte carta:

Manaus, 19 de Novembro de 1932.

Exma. Sra. D. Clotilde de A. Pinheiro.

M. D. 1.ª Secretaria da Sociedade Amazonense de Professores. — *Nesta*

Recebi com especial agrado o vosso aviso de 7 do corrente, dando-me a grata noticia de minha admissão como socio cooperador dessa Sociedade, consoante generosa e gentil proposta do Snr. Prof. Julio Benevides Uchôa.

Desvanecido com a enobrecedora deferencia a mim conferida, cumpro o grato dever de manifestar a todos e a cada um dos ilustres consocios os meus penhorados agradecimento, fazendo a lealdosa promessa de corresponder, com as restrições impostas pela minha carencia intelectual, á gentileza de que se revestiu a sua cativante deliberação.

Tomo o ensejo, ainda, para vos expressar os meus sentimentos de admiração e preço, subscrevendo-me atentamente

Vosso,
Consocio e obrig.mo venerador,
Francisco Castello Branco.

Em goso de ferias, viaja no luxuoso paquete «Almirante Jaceguay», o joven Nilo Benevldes Uchôa, applicado alumno da Escola Normal de Artes e Officios *Wenceslau Braz*, do Rio de Janeiro e nosso dedicado representante naquella capital.

✲

Pelo «Campos Salles», seguiu para a Bahia, em cuja faculdade de medicina vae matricular-se, o professor Justino Baumann das Neves, socio contribuinte da S. A. P.

✲

Com destino á visinha cidade de Belém, tomou passagem no «Campos Salles», o joven Ambrosio J. Peres, que alli vae completar os seus estudos. Pertence á classe de cooperadores da S. A. P.

✲

A SOCIEDADE AMAZONENSE DE PROFESSORES

E A

Federação Nacional das Sociedades de Educação

Quando o actual presidente da Sociedade Amazonense de Professores, professor Julio Benevides Uchôa, assumiu o cargo, em Julho de 1932, tratou logo de regularizar o pagamento da annuidade á Federação Nacional das Sociedades de Educação, em atrazo desde 1931.

Em sessão de Directoria foi então proposto que se tentasse effectuar aquelle pagamento com 50 % de abatimento, não só no anno de 1931 como no de 1932, visto as serias difficuldades que assoberbavam a Sociedade, impedindo assim a integral liquidação das annuidades em apreço.

Nesse sentido foi dirigida uma carta á secretaria geral da Federação, professora Celina Padilha, para que conseguisse junto á Directoria, o favor pleiteado. Isto se passava em Setembro do anno p. findo.

Em Novembro, recebia a Sociedade o officio n.º 42, de 18 de Outubro, subscripto por Celina Padilha, em que dizia: «Consultando a Directoria, não houve a menor objecção relativamente á proposta de V. Exc.ª e acompanham a resposta os votos sinceros de progresso para os companheiros amazonenses. Se nossas condições permittissem, seria até um gosto immenso poder auxiliar pecuniariamente as sociedades federadas na crise geral brasileira.»

Está, portanto, de parabens a Directoria da Sociedade Amazonense de Professores, pela nova e explendida victoria que acaba de conseguir.

A REVISTA E OS

Circulo de Paes e Professores

OUTUBRO:

Dia 2 — Nesta data reuniu o Circulo de Paes e Professores do grupo escolar «Conego Azevedo». O desembargador Arthur Virgilio, na presidencia, deu a palavra ao conferencista designado na sessão do mês transacto, sr. Gastão de Castro que por espaço de 30 minutos prendeu a attenção do auditorio focalizando os problemas educacionaes modernos, atravez dos conceitos da *escola nova*. Fallou da funcção educativa dos Circulos, dando sobre o assumpto sua valiosa opinião. Foi magnifica a impressão colhida por todos, attestando mais uma vez a notavel cultura do conferencista e sua longa experiencia da vida. Dentre os innumeros paes e professores presentes, a nossa reportagem poude destacar: d. d. Francelina de Assis Dantas, inspectora escolar; Rosa Fontenelle, directora do grupo escolar "Saldanha Marinho"; Cecilia Mendonça dos Santos, pelo grupo escolar "José Paranaguá"; Maria Rosa Pinto Craveiro, pelo grupo escolar "Gonçalves Dias"; professor Protazio Silva, pelo grupo escolar "Marechal Hermes"; doutores Sergio Pessôa Filho, Antonio Verissimo Barbosa, Alvaro Leite de Oliveira e senhora, snr. Virgilio Xavier de Souza; d. d. Emilia de Carvalho Antony, Djanira Gomes, Odilla Gonçalves, Adelaide M. Braga. Depois da parte recreativa, fallaram ainda os professores Protazio Silva e Adelaide M. Braga. Mereceram destaque pela maneira brilhante com que declamaram, as meninas Maria de Lourdes Gonçalves, em "Soneto divino" de Maria Sabina e "A Patria»; de Olavo Bilac e Helena Santos em "Anjo morto". Fará a conferencia da primeira reunião do anno vindouro, a normalista Emilia de Carvalho Antony.

Representando a "Revista" e a Sociedade Amazonense de Prefessores, compareceu o prof. Julio Benevides Uchôa.

✲

Dia 9 — No salão do Jardim da Infancia "Visconde de Mauá", annexo ao grupo escolar "Barão do Rio Branco", realizou-se ás 8 3/4 deste dia, com numerosa e selecta assis-

tencia, a reunião mensal do Circulo de Paes e Professores. Após a leitura do expediente que constou de um officio da Sociedade Amazonense de Professores, dirigido ao Circulo, teve inicio a palestra do conferencista convidado na reunião anterior, coronel Francisco Castello Branco, que por 1/2 hora prendeu a attenção de todos pelo modo erudito com que discorreu sobre o problema educativo, apezar de dizer-se "em atrazo de mais de 20 annos" sobre o assumpto. A' conferencia seguiu-se um bem elaborado programma recreativo, do qual podemos destacar a interessante comedia *Escola antiga*. Encerrando a sessão, o professor Antonio Monteiro de Souza, congratulou-se com os presentes pela victoria que o Circulo acabava de conquistar, vencendo mais uma etapa de sua vida social; que encerrava os trabalhos sociaes com chave de ouro e como queria iniciar o anno tambem com chave de ouro designava para a primeira conferencia o professor João de Freitas; que ao professor Agnello Bittencourt, Director Geral da Instrucção Publica, apresentava os seus agradecimentos pela assistencia que sempre dera ao Circulo. Uma gentilissima professora, ao piano, fez-se ouvir em bôas e escolhidas musicas.

Esteve presente o professor Julio Benevides Uchôa.

✲

Dia 15 — Reuniu o Circulo de Paes e Professores do grupo escolar "Marechal Hermes", ás 20 horas deste dia. Aberta a sessão, o Presidente doutor Themistocles Gadelha, concedeu a palavra ao conferencista designado, doutor José Chevalier. Iniciando a sua palestra, o doutor Chevalier elevou bem alto a educação escolar, dizendo-se jubiloso por encontrar em uma das salas do grupo o retrato de Mercedes Dantas, intemereta disseminadora dos novos ideaes educativos e a quem principalmente se devia a creação do Circulo. O orador dissertou com proficiencia sobre os methodos modernos, elogiando as professoras que, intelligentemente, procuram assenhorear-se desses methodos apezar das difficuldades que se lhes deparam a cada instante. Fez um appello a essas abnegadas preceptoras da juventude para que se unissem, porque a união do professorado é o seguro penhor do levantamento moral do nosso povo e maior engrandecimento do Amazonas. Concitou os paes e professores presentes para uma cooperação mais estreita, afim de que mais efficiente se tornasse a acção educativa dos modernos methodos de ensino. Lembrou ainda o nome do doutor Miguel Couto, grande scientista e pedagogo patricio que em conferencia feita em 1927 e só publicada em 1932 disse duras verdades, affirmando que o unico caminho para a salvação do Brasil é a difusão do ensino primario. Terminada a palestra do doutor José Chevalier, deu-se inicio á 2.ª parte do programma, que constou de varios recitativos e comedias, salientando-se as alumnas Maria Amalia Durand Ferreira, Leonor Belmont Pessoa e Maria de Lourdes Sá Peixoto Passos. A alumna Leonor Belmont Pessôa, apresentava aos paes, professores e collegas, as despedidas, por ser a ultima reunião do anno. Foram distribuidos os boletins mensaes de todos os alumnos do grupo, sendo encerrada a sessão, depois dos agradecimentos do presidente aos que alli se achavam. Na primeira sessão do inicio do anno lectivo, fallará o doutor Themistocles Gadelha.

✲

Dia 30 — A sessão realizada neste dia, no Circulo de Paes e Professores « José Paranaguá », foi presidida pelo senhor Jonathas Madeira, presidente da Assembléa Geral, visto ter faltado o senhor Pedro Thiago de Mello, presidente da Directoria. Fez a palestra a professora Ismenia Malaquias que se occupou da *Hygiene da alma*, onde demonstrou que, pelas bôas qualidades, pelo dominio de certos impulsos que nos vêm, muito podemos adquirir, afim de que a alma se purifique e aperfeiçôe pelo trabalho individual de cada um. Mostrou quanto é pernicioso no lar, o emprego de phrases que a moral condemna e que redundam na difficuldade para o professor corrigir na creança os máos habitos que no lar adquirem, por culpa dos paes. Seguiram-se cançonetas, declamações, terminando com um numero de gymnastica cantada, com quadros patrioticos que muito agradou. A assistencia de paes e professores foi regular.

Pela Sociedade Amazonense de Professores, compareceu dona Ernestina Bezerra de Castro.

Ao envés do ensino literario pelo livro, a educação cientifica pela natureza.

Roquette Pinto.

PERIGOS DO ALCOOLISMO

Palestra realizada no grupo escolar *Antonio Bittencourt*, pelo dr. FELICIANO DE SOUZA LIMA.

Senhores.

Instituiu o Ministerio da Educação e Saúde Publica, em boa hora, a semana anti-alcoolica, que tem logar annualmente, por este tempo, e durante a qual devem realizar-se em todos os estabelecimentos de instrucção do Brasil, palestras que teem por fim mostrar á mocidade os prejuizos do alcoolismo.

Vae dahi, o meu amigo e antigo condiscipulo, Professor Agnello Bittencourt, Director Geral da Instrucção Publica, entendeu, não sei porque, que eu podia incumbir-me de uma dessas palestras.

Quem me conhece, sabe quanto me apraz viver esquecido na intimidade e no aconchego do meu lar.

Não dou nem frequento festas, não gosto de reuniões nem de estar em evidencia, e embirro solennemente com os que não perdem ensejo de dar publicidade aos acontecimentos e ephemérides que só na intimidade devem ser lembrados.

Dos defeitos que me acompanharam a este mundo a vaidade veio em dose diminuta.

Dentre muitos, que vos poderia contar, um facto só vos dará idéa disso.

Resolveu a Directoria do Gymnasio Amazonense « Pedro II », ha passados annos, collocar na Secretaria do estabelecimento o meu retrato, homenagem, talvez, ao tempo de serviço que ahi tenho. A congregação approvou por unanimidade a resolução, e eu fui avisado de que devia comparecer á Photographia Allemã, para tirar o retrato que devia ser ampliado e apposto, correndo todas as despezas por conta dessa casa de ensino. Era honra que muitos não deixariam de acceitar e entretanto eu não a acceitei, e tenho fé que a minha *veneranda ephigie* não figurará na Secretaria do Gymnasio, pelo menos emquanto vivo fôr.

Vaidade, porque?

Quando as crenças philosophicas, que ha muito professo, me não tivessem ensinado a calcular o que posso valer, bastava lembrar-me da minha origem humilde.

Com semelhante idiosyncrasia, é facil avaliar o martyrio que para mim representa essa coisa de falar *em* publico, ou antes, *para* o publico.

Tenho, porém, que satisfazer os desejos do sr. Director Geral de Instrucção Publica.

Designado para falar num grupo escolar primario, tenho que ser breve, porque sei a attenção que prestam creanças irrequietas a longas dissertações, e tenho que ser simples, como convem a intelligencias que apenas desabrocham.

***

A palavra *alcool* se compõe de duas palavras arabes — o artigo *al* e *cohol*, coisa subtil.

E' um liquido incolôr, de odor agradavel e sabor ardente.

Sua formula chimica é $C^2 H^5, OH$.

O que dá nascimento ao alcool é o assucar contido nalguns fructos, plantas e cereaes.

Todos os fructos e plantas que conteem assucar podem fornecer alcool, como o podem fornecer as sementes, amendoas, cereaes, rhysomas, etc., que contenham amido, porque este se transforma em assucar e o assucar em alcool.

A canna e a uva, porém, principalmente a primeira, fornecem maior quantidade.

Alcool de vinho, alcool vinico, espirito de vinho, alcool ethylico, hydrato de ethyleno, hydrato de ethylo, ethanol, methylcarbinol, etc., são synonimos.

Desde a mais remota antiguidade são conhecidas as bebidas fermentadas, das quaes o alcool é um dos principaes componentes.

A Biblia já se refére ao desastre de Noé, que tendo plantado uma vinha, poz a uva a fermentar e, achando bom o producto obtido, tanto delle tomou, que apanhou uma forte bebedeira, com grande escandalo dos filhos.

Mas o alcool, propriamente dito, conseguido pelo processo da distillação, é de data relativamente recente. Encontra-se mencionado pela primeira vez, segundo Berthelot, num manuscripto do seculo XII, intitulado *Mappae Clavicula*.

A descoberta do alcool é attribuida a Villeneuve, alchimista francez do seculo XIII, mas este não fez mais do que fallar da *agua-ardente* como de uma preparação que o maravilhava. Como alchimista, deu-lhe o nome de *eau-de-vie*, nome por que é conhecido na lingua franceza.

O alcool seria um grande bemfeitor da humanidade, si fosse empregado apenas para fins industriaes e therapeuticos. Mas o homem o ingére sob diversas formas e pretextos, chegando ao ponto de viciar-se com o seu uso, sem attender a que as constantes libações alcoolicas são de terriveis consequencias para o nosso organismo.

Essas consequencias se fazem notar principalmente no systema nervoso, no apparelho digestivo, no figado, nos rins.

Os alcoolicos teem dores de cabeça, caimbras nas pernas, vomitos, vertigens, tremores, convulções, delirios.

A acção sobre o systema nervoso se manifesta por tremor das mãos, sendo mais intenso pela manhã, em jejum, estado que se modifica no correr do dia, com o uso de novas doses.

O figado dos que se entregam ao vicio do alcool, soffre lesões varias, ficando umas vezes atrophiado, outras hyperatrophiado. E' frequente a cirrhose, a ictericia, a hydropsia.

Nos rins occasiona a nephrite granulosa. a molestia de Bright, etc.

No estomago pode produzir o cancer desse importantissimo orgão.

O aspecto interno do estomago do ebrio causa horror.

O ouvido e a vista podem ser tambem attingidos.

Conhecemos nesta cidade um cavalheiro que era um incorrigivel adepto de bebidas alcoolicas. Tendo sentido algumas perturbações na vista, consultou um medico e este, depois do necessario exame, o preveniu de que, si continuasse a beber, ficaria cego. Apavorado com essa ameaça, deixou elle o vicio, tornando-se um perfeito cidadão. Mas, tempos depois, julgando, talvez, que o perigo havia passado, voltou ao vicio e dentro de alguns mezes estava completamente cego, e assim se acha até hoje.

Algumas vezes o uso do alcool produz manias agudas, allucinações, perturbações cerebraes, demencias, paralysias.

Tive, quando estudante, um professor dotado de lucida intelligencia e excellente coração. Abusava, porém, da cerveja preta, da qual tomava ordinariamente dez a doze garrafas por dia. Affectado, tempos depois, de uma paraplegia, teve que aposentar-se e morreu após uns quinze annos de soffrimento em cima de uma cama.

O somno do alcoolico é perturbado por pesadellos apavorantes. Sonha que o querem mattar, que vê animaes correndo pelo quarto, que lucta com animaes phantasticos.

A continuação do vicio do alcool conduz ao *delirium tremens*, phase em que as faculdades do individuo se embotam de tal forma, que o viciado fica numa especie de idiotismo.

Mas o alcoolismo tem consequencias mais tristes e mais penosas ainda.

E' que elle é hereditario, e a sua acção corrosiva as transmitte até aos bisnetos dos alcoolatras.

Conheço em Manáos uma distincta familia sob a qual peza o estigma fatal da herança alcoolica. Um dos seus ancestraes foi um velho caboclo amazonense, habitante, outr'ora, de um dos lagos do interior do nosso Estado. Era um vencido pelo alcool. Embriagava-se de tal forma que, certa vez, atravessando, nesse estado, uma região despovoada, cahiu sem se poder mais erguer. Passou o dia inteiro a dormir o somno profundo dos ebrios e receber no rosto o sol causticante dos nossos verões. Morreu disso.

Pois bem, todos os filhos desse infeliz foram ebrios, muitos dos seus netos o foram tambem, e alguns dos bisnetos o são ainda. Um destes disse-me ha dias que tinha um profundo desgosto de beber, mas sentia-se irresistivelmente impellido para os botequins.

Podeis avaliar os desgostos que esses factos teem causado a essa familia.

Os descendentes dos alcoolatras são sujeitos a meningite tuberculosa, são hystericos ou epilepticos, são imbecis ou idiotas, são microcephalos, paralyticos, etc.

Um condiscipulo meu dedicou-se á vida maritima e adquiriu o habito de embriagar-se. Casou-se e morreu ha pouco, deixando um filho, que ainda pode ser visto nas ruas de Manáos: pés tortos, bocca aberta, beiço cahido, olhar impreciso, inutil para tudo.

Não julgueis que, para produzir o alcoolismo, seja necessario embriagar-se. Basta o uso diario de qualquer bebida que contenha alcool, embora em dose pequena, contanto que seja constante, como o conhecido *mata-bicho*, que os viciados costumam tomar para, segundo elles, abrir o apetite.

Eu não tenho autoridade para falar dos desmantelos irreparaveis que o terrivel toxico causa no organismo humano e para os quaes nunca será de mais chamar vossa

attenção. Mas ouví a palavra de Miguel Couto, expoente maximo da medicina brasileira:

«O alcool é o maior agente de degeneração do individuo e da raça; a todos os tecidos ataca e a todos degenera; mas, si um apparelho de economia se tivesse de designar como o preferido para as suas devastações, seria o systema nervoso — desde o delirio agudo da embriaguez até o *delirium tremens* e a demencia alcoolica. Dahi resulta que o alcoolatra não tem caracter no sentido philosophico da expressão; caracter é a consciencia á espreita, e o alcool tira a consciencia, tanto que é em medicina legal uma dirimente ou uma aggravante; caracter é o aço da criatura que a torna sempre igual a si mesma em qualquer situação e o alcool transforma em cera inconsistente e amoldavel. A progenie dos alcoolicos é uma progenie de alcoolicos, com os estigmas de degeneração psychica e somatica a germinar a seu turno degenerados de toda sorte. E' a familia alcoolica dos beberrões, com os seus epilepticos, imbecis, loucos, deformados e monstros. A beberronia dos paes prolonga-se nos filhos atravez do ovulo; paes bebedos, filhos beberrazes, netos criminosos nas suas representações sociaes — a amoralidade, a malignidade, a brutalidade, a vagabundagem, as impulsões ao roubo, ao incendio, ás fugas, ao homicidio, ao suicidio; e ainda como corolario a pobreza, a fome, os maus tratos, a indifferença, o desaceio, a super-mortalidade infantil. Na estatistica de Legrain, sobre 761 individuos de descendencia ethylica numeram-se 322 degenerados, 132 epilepticos e 155 loucos.»

Notae bem: de 761 individuos, apenas 152 escaparam aos effeitos da herança maldita.

Comprehende-se pois, — continúa o dr. Miguel Couto, — que a venda de um agente desta natureza, inimigo inexoravel da especie, destruidor no homem de suas energias physicas e de suas faculdades superiores, dissolvente do lar e do prole, fosse cercado das derradeiras barreiras até ás raias da prohibição, já aconselhada pela Academia de Medicina; nem ao menos é o toxico elegante, só ao alcance das bolsas fortes dos ricos; ao contrario, é o vicio deselegante, propiciado ao pobre pelo seu infimo preço».

Já vistes, senhores, a figura grotesca do ebrio que passa cuspinhando, aos tombos, e mastigando palavras incomprehensiveis?

Apiedae-vos delle; é um vencido pelo vicio, é um debil moral, é um molambo.

* * *

Sois os representantes do futuro. Sereis dentro em breve agricultores, artistas, advogados, medicos, jornalistas e professores; tereis talvez sobre os hombros — porque não? — as pezadas responsabilidades dos destinos da vossa terra ou do paiz. Em qualquer ramo da actividade humana, só sereis uteis á Familia, á Sociedade e á Patria, si conservardes são o vosso organismo.

Guardae-vos, portanto, da contaminação do mal tremendo, cujos maleficos effeitos vos expuz a largos traços.

Fugí de todos os logares onde se vender alcool.

Fugí de todas as mesas onde houver alcool.

Fugí da companhia dos que usarem alcool.

Só assim podereis prestar serviços ao Brasil.

SOCIEDADE AMAZONENSE DE PROFESSORES

SERVIÇO DE HOSPITALIZAÇÃO

Tabellas de Preços

Santa Casa de Misericordia

Secção de homens

Quartos especiaes, ns. 4 e 5 c/um	20$000
Quartos de 1.ª classe, ns. 1, 2, 3, 6, 7 e 8	18$000
Enfermaria de 1.ª classe....	14$000
Enfermaria de 2.ª classe, pavimento superior, com leito...	10$000
Enfermaria de 2.ª classe, pavimento terreo..	5$000

Secção de senhoras

Quartos especiaes, ns. 1 e 7 c/um	25$000
Quartos de 1.ª classe, ns, 2, 3, 4, 5 e 6	18$000
Enfermaria de 1.ª classe....	14$000
Idem, idem, de 2.ª classe com leito....	10$000

Beneficente Portuguesa

Secção de homens

Quarto especial.	30$000
Quarto de 1.ª classe..	25$000
Quarto de 2.ª classe..	18$000
Enfermaria	12$000

Secção de senhoras

Quartos especiaes	35$000
Quartos de 1.ª classe.	25$000
Quartos de 2.ª classe.	18$000
Enfermaria	12$000

Instrucções — Para gosar dos favores sociaes é necessario estar quite com o pagamento das contribuições devidas aos cofres da Sociedade (art. 16 dos Estatutos). Considera-se quite o socio que houver pago até o dia quinze a contribuição do mês anterior (art. 14, letra *b*). O socio doente, necessitando de prompta hospitalização, quando preferir a Santa Casa de Misericordia, fica obrigado a depositar na Sociedade a quantia equivalente a 10 dias de tratamento. Esse deposito será sobre 50 o/o da respectiva tabella. Se der preferencia a Beneficente Portuguesa, depositará então na Sociedade a quantia de 200$000 para qualquer classe, tendo igualmente 50 o/o de abatimento em todas as diarias. Em qualquer das hypotheses, o socio que ao sair do hospital, não houver exgottado o deposito, receberá a quantia restante, pois, o calculo é feito SEMPRE com o abatimento de 50 o/o. A Sociedade recolherá o socio doente por meio de um memorandum, segundo combinação entre o Presidente e os citados hospitaes. Quaesquer outras informações poderão ser dadas á rua Luiz Antony n.º 68.

✱

De accôrdo com as instrucções acima, a Sociedade pagou á Santa Casa de Misericordia, nos meses de Outubro e Novembro, a quantia de 173$200, proveniente de internação de socios naquelle hospital.

RELAÇÃO dos professores publicos do Estado do Amazonas em 1932, classificados por entrancia

(Continuação)

Escolas nocturnas

Thomaz de Aguiar — Dinorah Ribeiro de Berredo, *1.º de Maio* — Georgina Cordeiro Vegas, *José Paranaguá* — Possydonio Bezerra, *Alcantara Bacellar* — Antonio de Castro Carneiro, *Ruy Barbosa* — Raymundo Sá Antunes, *Maestro Franco* — Icaro Alves de Carvalho, *Heliodoro Balbi* — João de Góes Sobrinho, *Tenreiro Aranha* — Domingos Theophilo de Carvalho Leal.

2.ª entrancia — CIDADES

Itacoatiara — Grupo Escolar *Coronel Cruz*

Ritta Monteiro de Lima, Maria da Costa Ferreira, Maria Violeta Chaves de Oliveira, Amy Cruz Chauvin e Jacy Barbuda Thury.

Parintins — Grupo Escolar *Araujo Filho*

Maria Rosaura de Souza Pinto, Alzira de Queiroz, Anna Rita de Freitas e Maria Lucia de Lima Corrêa.

Humaythá — Grupo Escolar *Oswaldo Cruz*

Esther Guigni, Aurelia Pinheiro da Costa Ramos e Raymundo Nonato Ferreira Gomes.

Porto Velho — Grupo Escolar *Barão do Solimões*

Alice Borges de Lima Avelino, Protazio Independente Ribeiro da Silva e Izabel Angarita.

Bôa Vista do Rio Branco

Diomedes Pinto Souto Maior e Francisca Rodrigues de Menazes.

Maués — Omarina Oliveira de Albuquerque e Sylvia Benicio de Mello.

Teffé — Joanna de Senna Costa, Anna da Silva Neves e Hilda de Sá Cavalcante, int.

Labrea — Aldehyda Gomes Estellita,

Manicoré — Maria Rufina de Almeida e Francisca das Chagas Carneiro.

Manacapurú — Moacyr Fortes, Milburges Bezerra de Araujo e Lina Santos da Luz.

Coary — Clermen Bonates, int, Cesarina Ponce Damasceno e Adelia Neves de Oliveira.

3.ª entrancia — VILAS E POVOADOS

MUNICIPIO DE MANÁOS

Bocca de Cima do Careiro — Rachel de Souza Carvalho e Maria do Carmo Moraes de Almeida, Foz do Careiro — Maria José de Araujo Freitas, Cantidia — Deusdina Ruas, Boulevard Amazonas — Vicencia Alves de Souza Barbosa, Bocca do Cambixe — Lygia Pimenta Martins Adão, Soledade — Chrimilde de Britto Inglez Barros.

Continúa.

Directoria Geral da Instrucção Publica

MATRICULA E FREQUENCIAS, POR MUNICIPIOS, EM 1931

Numeros	MUNICIPIOS	Escolas effectivas	Escolas de Emerg.	Matricula	Frequencia	Porcentagem
1	Borba...	5	—	157	117	74,52
2	Barreirinha...	4	—	173	102	58,95
3	Barcellos	1	—	49	33	67,34
4	B. V. do Rio Branco	2	—	82	54	65,85
5	Benjamin Constant.	3	2	238	164	78,89
6	Canutama	2	—	70	48	68,57
7	Carauary	3	—	121	75	61,98
8	Coary...	2	2	94	66	70,21
9	Codajás	4	—	146	93	63,69
10	Fonte-Bôa....	4	—	191	116	60,73
11	Floriano Peixoto..	3	—	141	86	60,99
12	Humaythá....	4	—	84	47	55,95
13	Itacoatiara....	18	2	873	565	63,57
14	João Pessôa.	1	—	60	44	77,33
15	Labrea..	2	—	43	39	90,69
16	Manáos.	171	7	8.146	5.139	63,08
17	Manicoré	3	—	122	76	62,29
18	Maués.	5	—	229	167	72,92
19	Manacapurú..	13	2	579	444	76,68
20	Moura..	2	—	26	19	73,07
21	Porto Velho..	4	—	124	82	66,12
22	Parintins	8	3	670	373	55,67
23	Silves...	4	—	167	113	67,66
24	S. Gabriel....	4	—	295	256	86,77
25	S. P. de Olivença..	4	—	153	80	52,28
26	Teffé....	8	—	356	286	80,33
27	Urucará	2	—	107	75	70,09
28	Urucurituba..	1	—	78	51	65,38
		287	19	13.574	8.810	64,90

Sociedade Amazonense de Professores

ESTATUTOS

(Continuação)

CAPITULO VI

Da Assembléa Geral

Art. 25.º — A Assembléa Geral, desde que observe estrictamente as determinações destes Estatutos, é o poder supremo da Sociedade e as suas resoluções tornar-se-ão effectivas e terão força de lei, obrigando, portanto, a todos os socios.

Art. 26.º — A Assembléa Geral reunir-se-á:

a) ordinariamente, duas vezes por anno — a primeira, para eleger os membros de sua mesa e os da Directoria; a segunda, para dar posse aos novos corpos dirigentes e tomar contas á Directoria:

b) extraordinariamente, quando convocada, conforme os preceitos legaes.

§ Unico — E' autoridade competente para convocar a Assembléa o respectivo Presidente ou seu substituto legal (art. 19.º, § 3.º, e art. 29.º, § 2.º).

Art. — 27.º — Incumbe á Assembléa Geral:

a) cumprir e fazer cumprir os presentes Estatutos e outras leis sociaes:

b) resolver sobre os casos omissos e dar interpretação á letra dos Estatutos e regulamentos, nos pontos em que suscitarem duvidas;

c) eleger e empossar os membros de sua mesa e os da Directoria;

d) julgar os actos da Directoria, podendo approval-os, modifical-os ou rejeital-os

e) responsabilizar a Directoria ou qualquer membro da mesma por actos attentatorios aos interesses da Sociedade;

f) tomar conhecimento de suggestões, queixas ou reclamações que lhe sejam apresentadas, pela Directoria ou pelos socios;

g) conferir aos socios o titulo de *benemerito,* na forma do artigo 7.º dos presentes Estatutos;

h) autorizar a Directoria a fazer as operações julgadas proveitosas aos interesses sociaes, obedecendo as disposições do § 2.º do art. 67.º. e arts. 68.º, 72.º e 73.º:

i) deliberar sobre o disposto nos artigos 72.º, 73.º e 82.º;

j) destituir, no todo ou em parte, a sua mesa ou a Directoria, quando encontradas em falta que exija tal punição, procedendo *in continenti* á eleição para o preenchimento das vagas e empossando immediatamente os eleitos.

§ Unico — Demittida a Directoria ou parte da mesma, ficam os demissionarios obrigados á prestação de contas.

CAPITULO VII

Da Directoria

Art. 28.º — A Directoria reunir-se-á, ordinariamente, ao menos duas vezer por mês, em dia determinado, podendo, além disso, reunir-se, extraordinariamente, quando convocada pelo respectivo Presidente, para tratar de urgentes assumptos de interesse social.

Art. 29.º — Á Directoria compete:

a) receber, sob inventario, que constará da acta de posse, os bens e fundos da Sociedade, pelos quaes fica responsavel;

b) cumprir e fazer cumprir fielmente as disposições destes Estatutos e de outras leis sociaes;

c) acatar as deliberações da Assembléa Geral, quando não contrarias a qualquer dispositivo de lei;

d) esforçar-se pela execução do programma social, empregando livremente todos os meios que lhe parecerem opportunos ou convenientes, de modo a poderem ser plenamente realizados os objectivos da Sociedade;

e) dirigir a Sociedade e represental-a em todas as suas relações exteriores, quer perante particulares, quer perante corporações, ou perante os poderes publicos, em qualquer juizo ou tribunal;

f) promover, com a maxima pontualidade, a arrecadação da receita da Sociedade, dando-lhe a applicação determinada nestes Estatutos ou em regulamentos especiaes;

g) dispender as quantias necessarias ao movimento da Sociedade, observando a possivel economia;

h) deliberar sobre a admissão de socios;

i) nomear, quando necessario, commissões para fins especiaes, como sejam: estudo e apreciação de leis relativas ao ensino, elaboração de regulamentos para as diversas instituições creadas pela Sociedade, etc. Taes commissões, uma vez desempenhada a sua incumbencia, apresentarão á Directoria, em relatorio, o resultados de seus trabalhos, considerando-se, desde então, dissolvidas;

j) nomear e demittir os empregados necessarios ao serviço da Sociedade, estipulando-lhes os vencimentos;

k) conceder as beneficencias asseguradas por estes Estatutos e suspendel-as, quando estiverem sendo prestadas indevidamente;

l) alugar, quando ache conveniente, um predio para séde da Sociedade, emquanto esta não possuir edificio prorprio;

m) resolver, *ad referendum* da Assemléa Geral, as questões de momento não previstas nos Estatutos;

n) propôr á Assembléa Geral medidas que julgar convenientes aos interesses sociaes;

o) impôr, commutar e relevar as penas cuja applicação estiver dentro de sua alçada;

p) organizar os regulamentos internos da Sociedade;

q) nomear ou contractar advogado quando tenha de resolver qualquer questão em juizo;

r) apresentar á Assembléa Geral, na sessão de posse dos corpos dirigentes, um relatorio circumstanciado de todo o movimento social durante a sua administração, bem como as contas e demais documentos;

s) tomar conhecimento das reclamações dos socios e, sendo justas, attendel-as, quando não seja a sua resolução da competencia da Assembléa Geral;

t) tomar contas ao Thesoureiro regularmente uma vez por mês (e sempre que o julgar necessario), por meio de um balancete;

u) passar os titulos de benemerito aos socios agraciados com essa distincção pela Assembléa Geral;

v) dar, em caso de urgencia, interpretação á letra destes Estatutos, quando surgirem duvidas, sujeitando sua exegese á sancção da Assembléa Geral;

x) suspender do exercicio das funcções, conforme os preceitos estatutaes, ao director faltoso;

y) solicitar ao Presidente da Assembléa Geral a convocação desta, sempre que o julgar necessario aos interesses sociaes.

§ 1.º — A solicitação de que trata a alinea *y* deste artigo deve ser assignada pelo Presidente; mas, caso elle se recuse a assignal-a, o pedido ficará legalizado com a assignatura da maioria absoluta dos directores.

§ 2.º — Se, dentro de oito dias, não fôr feita a convocação da Assembléa Geral, nos termos do paragrapho anterior, poderá ella ser feita pelo Presidente da Directoria ou pelos directores signatarios do pedido.

CAPITULO VIII

Dos Funccionarios

Art. 30.º — Cumpre ao Presidente da Assembléa Geral;

a) ordenar a convocação da Assembléa, sempre que se torne necessario, de accordo com as disposições estatutaes;

b) presidir e encerrar as sessões, suspendel-as, quando tumultuosas, e marcar o seu proseguimento;

c) assignar, com os demais membros da mesa, as actas das sessões;

d) designar membros para substituir funccionarios que faltarem para completar a mesa;

e) rubricar o livro em que as actas forem exaradas;

f) desempatar as votações com o voto de qualidade (art.44.º, § 1.º, n. VI);

g) conceder a palavra aos socios e impedir que sejam interrompidos, bem como cassar-lha, se estiverem fora da ordem ou usando de termos inconvenientes;

h) deixar a cadeira da presidencia quando, em sessão, quizer propôr qualquer medida ou discutir algum assmpto ventilado (art. 52.º);

i) nomear escrutinadores para auxiliar os trabalhos das eleições;

j) assumir a direcção da Sociedade em caso de renuncia collectiva da Directoria, devendo, immediatamente, ordenar a convocação da Assembléa para nova eleição;

k) Assignar, com o Presidente da Directoria e o Secretario Geral, os titulos de benemerencia conferidos pela Assembléa.

Art. 31.º — Ao vice-Presidente compete substituir, pela ordem, o Presidente em suas faltas e impedimentos.

Art. 32.º — São deveres do 1.º Secretario:

a) assumir a presidencia na falta ou impedimento do Presidente e do Vice-Presidente;

b) fazer as convocações determinadas pelo Presidente, bem como todas as communicacões que forem deliberadas;

c) ler, em sessão, as actas e o expddiente;

d) abrir e encerrar o livro de presença;

e) fazer, pelo livro de presença, a chamada dos socios para votar, em occasião de eleições;

f) assignar a acta, com os demais membros da mesa;

Art. 33.º — Ao 2.º Secretario incumbe:

a) substituir o 1.º Secretario nas suas ausencias e impedimentos;

b) lavrar as actas das sessões e assignal-as, com os outros membros da mesa;

c) assumir a presidencia nos impedimentos ou faltas do Presidente e de seus substitutos legaes;

d) ter sob sua guarda e responsabilidade os livros e papeis da secretaria da Assembléa.

Art. 34.º — Compete ao Presidente da Directoria:

a) presidir as reuniões da Directoria e superintender todo o serviço da Sociedade;

b) firmar as actas, com os secretarios;

c) assignar, com o Thesouretro em exercicio, os cheques ou recibos para retirada de dinheiro do Banco em que estiver depositado, quando para isso autorizado pela Directoria ou pela Assembléa Geral;

d) autorizar o pagamento das despesas que forem resolvidas em sessão;

e) organizar a escripturação da Sociedade, de accordo com o 2.º Secretario e o Thesoureiro;

f) ordenar a entrega de beneficios, pensões e auxilios, uma vez verificado que ao socio assiste o direito de recebel-os;

g) assignar, com o Secretario geral e o Presidente da Assembléa Geral, os titulos de benemerencia conferidos pela Assembléa;

h) rubricar os recibos de mensalidade e joia, bem como os livros de escripturação, lavrando nestes ultimos os termos de abertura e encerramento;

i) chamar ao cumprimento do dever qualquer membro da Directoria e suspendel-o, quando nisso não seja attendido;

j) elaborar, de accordo com a Directoria, o relatorio de cada exercicio e apresental-o á Assembléa Geral, na sessão de posse dos novos corpos dirigentes;

k) dar andamento a todas as questões de caracter urgente que affectem os interesses da Sociedade, informando de tudo a Directoria, em sua primeira reunião;

l) communicar, por escripto, á Directoria, que vae ausentar-se, quando tiver de fazel-o por mais de quinze dias;

m) representar a Sociedade em juizo ou fora deile, sendo-lhe permittido constituir procurador para esse fim;

n) mandar fazer, pelo 1.º Secretario, as convocações, annuncios ou officios que forem necessarios;

o) communicar ao Presidente da Assembléa Geral as vagas que se derem nos cargos da Directoria;

p) designar orador sempre que seja necessario e organizar, de accordo com o Presidente da Assembléa Geral, o programma das sessões solennes;

q) desempatar, com o voto de qualidade, as deliberações da Directoria;

r) subscrever a correspondencia da Sociedade com os orgams dos poderes publicos;

s) solicitar, quando necessario, e por deliberação da Directoria, a convocação da Assembléa Geral, (art. 29, paragraphos 1.º e 2.º);

t) conceder a palavra ao Director que a pedir em termos comedidos e cassar-lha, quando se afastar das bôas normas;

u) deixar a cadeira da presidencia quando, em sessão, quizer propôr ou discutir algum assumpto (art. 52.º);

§ Unico — Ao Presidente occasional de uma sessão compete, unicamente, a direcção dos trabalhos dessa sessão, cabendo ao Presidente em exercicio pôr em execução as resoluções nella tomadas.

Art. 35.º — Ao Vice-Presidente incumbe;

a) substituir o Presidente em suas faltas e impedementos, assumindo todos os seus encargos e obrigações;

b) auxilial-o no serviço de administração, quando isso lhe for solicitado.

Art. 36.o — Ao Secretario Geral compete:

a) superintender o serviço de secretaria da Sociedade;

b) subscrever a correspondencia para fora do Estado, salvo o caso do art. 34. , letra *r*;

c) assumir a presidencia, na falta do Presidente e do Vice-Presidente;

d) encarregar-se do intercambio da Sociedade com as instituições congeneres, nacionaes ou estrangeiros (art. 85.);

e) assignar as actas, com o Presidente, e os demais secretarios;

f) assignar, com o Presidente da Directoria e o da Assembléa Geral, os titulos de benemerencia conferidos pela Assembléa;

Art, 37. — São deveres do 1.o Secretario:

a) substituir, pela ordem, o Presidente, o Vice-Presidente e o Secretario Geral em seus impedimentos;

b) proceder, em sessão, a leitura das actas e do expediente;

c) fazer, quando determinado pelo Presidente, as convocações, annuncios e correspondencia para dentro do Estado, salvo a restricção do artigo 34.o letra *r*;

d) assignar as actas, de accordo com o artigo 34.o, letra *b*;

e) fazer o registro dos socios, com annotação de suas residencias, categorias sociaes, numero de matricula, data de acceitação e de eliminação e motivo da eliminação.

Art. 38. — São attribuições do 2.º Secretario

a) substituir, pela ordem, os membros da Directoria atraz mencionados;

b) redigir as actas das sessões, e assignal-as, com o Presidente e os outros secretarios;

c) fazer a escripturação da Sociedade, organizando-a de accordo com o Presidente e o Thesoureiro;

d) fornecer ao Thesoureiro, até o dia immediato ao da sessão, para fins de direito, uma relação de socios acceitos, licenciados e eliminados.

Art. 39. — Ao Thesoureiro cabe:

a) arrecadar a receita da Sociedade, e quaesquer quantias que a esta forem devidas ou doadas, devendo propôr á Directoria o que achar conveniente para a necessaria regularidade do serviço;

b) extrahir e assignar os recibos de joias, mensalidades e mais contribuições dos socios;

c) assignar, com o Presidente, os cheques ou recibos para retirada de dinheiro do banco em que estiver depositado;

d) dispender as importancias legalmente autorizadas;

e) escripturar, com regularidade e clareza, o livro *Caixa*, afim de, com facilidade, se obter gualquer informação;

f) ter um cobrador de sua confiança, com uma porcentagem sobre a cobrança, arbitrada pela Directoria;

g) fornecer ao 1.º Secretario notas mensaes dos socios em atrazo e quaesquer outras pedidas pelo mesmo, referentes ao movimento da thesouraria;

h) extrahir, mensalmente, um balancete do movimento da thesouraria e apresental-o á Directoria, com os competentes documentos, até a segunda sessão ordinaria do mês seguinte áquelle do qual se presta conta;

i) levantar, no fim de cada anno gestivo, um balanço geral, que será annexado ao relatorio da Directoria;

j) apresentar, nas sessões de Assembléa Geral, uma lista dos socios quites com os cofres sociaes;

k) prestar á Directoria todos os esclarecimentos que lhe forem pedidos, a respeito da thesouraria;

l) depositar em um banco designado pela Directoria os dinheiros sociaes, só ficando em suas mãos a quantia bastante para as despesas de prompto pagamento, a qual não deverá ser superior a duzentos mil réis (art. 67.o, paragr. 1.º);

m) informar se as pessôas propostas para socios já fizeram parte da Sociedade, e, no caso affirmativo, porque foram eliminadas e quaes os auxilios pecuniarios recebidos;

§ 1. — O Thesoureiro, quando licenciado, por mais de trinta dias, entregará todos os documentos e valores sob guarda, em reunião da Directoria, ao seu substituto legal.

§ 2. — Para o effeito da alinea *f* deste artigo, o Thesoureiro proporá á Directoria uma pessôa de sua confiança, para que seja feita a nomeação e arbitrada a porcentagem de cobrança;

Art. 40. — O procurador deve substituir, eventualmente, o Thesourciro e auxilial-o, quando solicitado, na arrecadação das rendas sociaes e organização do serviço de thesouraria.

Art. 41. — Ao Bibliotecario cumpre:

a) promover o augmento da bibliotheca, fazendo acquisição de livros, revistas, etc.-ou por meio de donativos ou mediante compras autorizadas pela Directoria;

b) informar a Directoria sobre as offertas recebidas para que se faça agradecimento por escripto;

c) propôr á Directoria as modificações que julgar necessarias no serviço a seu cargo;

d) entregar ao socio, mediante recibo, os livros que lhe forem solicitados e cuja saída seja permittida, de accordo com o regulamento da secção a seu cargo;

e) organizar e trazer em dia o catalogo da Bibliotheca, preferindo na catalogação o systema de fichas;

f) apresentar, mensalmente, em sessão da Directoria, dados estatisticos do movimento da Bibliotheca bem como a relação dos socios que não tiverem restituido os livros dentro do praso regulamentar;

g) officiar aos socios detentores de livros exigindo a respectiva restituição, segundo o regulamento da Bibliotheca.

Art. 42, — São atribuições do archivista:

a) organizar e ter sob sua guarda o archivo da Sociedade;

b) dirigir o orgam official da Sociedade, tendo plena liberdade de tomar as medidas que importem na melhoria do referido orgam.

§ 1.o — De seus actos, como director do orgam official, o archivista dará sciencia, por escripto, á Directoria, em sua primeira reunião ordinaria.

§ 2.o — Quando se tornar secessario, o archivista poderá solicitar á Directoria a nomeação de um secretario e mais auxiliares, para o que ser-lhe-á permittido propôr pessôas de sua inteira confiança.

Art. 43.o — A substituição eventual do 2.º Secretario, do Procurador, do Bibliothecario e do Archivista, será feita por designação do Presidente.

(Continúa no proximo numero).

REVISTA DE EDUCAÇÃO

FUNDADA SOB O PATRONATO INTELLECTUAL DOS PROFESSORES:

DRS. PLACIDO SERRANO, ALVARO MAIA, AGNELLO BITTENCOURT, VIVALDO LIMA, ANTONIO TELLES DE SOUZA, JULIO UCHÔA E PROFESSORAS MERCEDES DANTAS, EUNICE SERRANO TELLES DE SOUZA, RAYMUNDA CHEVALIER, HERMINIA CARNEIRO DE LIMA E ALCINA LIMAVERDE BARROS.

Esforçando-se em bem cumprir o seu programma, a REVISTA DE EDUCAÇÃO espera receber de todos os professores do Amazonas o mais vivo e decidido apoio, para a victoria da causa da instrucção e educação no Brasil.

Todo e qualquer professor pode collaborar nesta REVISTA, emittindo livremente seus principios, desde que se responsabilise pelas idéas que defender.

Esta REVISTA tem o maximo prazer de receber consultas sobre quaesquer questões de ensino, bibliographia pedagogica, revistas congeneres do paiz e do estrangeiro, fornecendo aos senhores assignantes as informações que solicitarem neste sentido.

As assignaturas da *Revista de Educação* devem ser pagas adeantadamente!

Será suspensa toda remessa aos assignantes que assim não procederem.

ANNO II

REVISTA DE EDUCAÇÃO

NUMERO 5

DA

SOCIEDADE AMAZONENSE DE PROFESSORES

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

REDACÇÃO
Rua Luiz Antony, 68
MANAUS

MANAUS — Dezembro de 1932 e Janeiro de 1933

DIRECTOR: — *Felix Valois Coelho*

Assignatura annual . . 5$000
Porte annual. $500
Numero avulso . . . . 1$000
Numero atrazado . . . 1$500

1932 / 1933

UM anno que se escôa, outro que se inicia. Muitas esperanças que fenecem, para, quaes novas Phenices, engendrarem, com as proprias ruinas, novas illusões, esperanças novas.

Dia de anno bom. Assim designa o povo o inicio de cada novo estadio da jornada do tempo. Expressão siguificativa que bem denuncia o eterno reviver de sonhos sobre destroços de aspirações.

A REVISTA, desvanecida com o exito que tem alcançado, até agora, sente-se cada vez mais confiante no futuro, por ver que vae crescendo o favor publico para com ella, signal certo de que, entre nós, vae despertando interesse aquillo que a civilização actual encara como o summo problema da humanidade — *educar.*

Agradece, pois, aos seus leitores, muito especialmente ao mundo professoral, a acolhida com que a tem distinguido, e deseja a todos um anno novo cheio de venturas, repleto de realizações grandiosas.

A' Patria augura melhores dias, em que ella, a grande mãe extremecida, escapa ao cahos da subversão interna e livre do barathro das convulsões externas, possa galhardamente seguir.

"... o Progresso — o grande palinuro —
Ao cicio da penna, á voz do malho,
Cantando a symphonia do Trabalho,
Cantando a Marselhesa do Futuro".

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato
E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura